

# Sons do Planalto Central

Rock, rap, choro, forró... Aqui é produzida música de qualidade nos ritmos mais variados

RENATO ALVES

DA EQUIPE DO CORREIO

**B**rasília não é embalada apenas por um ritmo. A gente que veio de todos os cantos do país trouxe para a capital sons que são a cara de sua terra natal. Há espaço para o forró, o repente, o samba, o choro. Ao longo dos anos, a cidade também incorporou ritmos introduzidos pelos jovens nascidos ou criados aqui.

Filhos de diplomatas e de professores universitários apresentaram o punk, que fez brotar bandas de rock famosas como Legião Urbana, Capital Inicial e Plebe Rude. Descendentes dos operários pioneiros passaram a fazer uso do rap para contar o que de bom e ruim há nas cidades distantes dos monumentos que encantam os turistas.

Desde a década de 70, o brasileiro se reúne em rodas de choro. Dos encontros no apartamento de Odete Ernest Dias, na 311 Sul, nasceu o Clube do Choro. A Escola Brasileira de Choro Raphael Rabello, fundada em 1998, deu oportunidade para muita gente se integrar ao movimento. Além do Clube do Choro, que em quase 30 anos recebeu mais de 500 artistas em mais de mil shows, hoje há apresentações regulares pelo Plano Piloto.

Um dos responsáveis pela ascensão do chorões brasileiros é o baiano Henrique Lima Santos Filho, o Reco do Bandolim, 50 anos. Ele assumiu a

Edilson Rodrigues/CB/18.2.04



**RAPPER X DÁ VOZ ÀS DEMANDAS DE CEILÂNDIA: "VOU FALAR BEM DA MINHA TERRA"**

direção do Clube do Choro em 1993 e reabriu o espaço, fechado desde 1983. "Depois de muita luta, conseguimos um patrocínio", lembra.

O Rock Brasília – assim ficou conhecido o movimento liderado pelas bandas candangas, nos anos 80 – começou a ganhar cara e voz em 1977,

quando os irmãos Fê e Flávio Lemos (do Capital Inicial) viajaram para Londres, Inglaterra. De lá, mandavam para os amigos daqui fitas-cassetes dos grupos punk.

Duas bandas que até hoje têm hits tocados nas FMs do país nasceram do Aborto Elétrico, um dos grupos punks de Brasília. Metade das músicas e dos seus integrantes formaram a Legião Urbana; a outra metade, o Capital. Junto com a Plebe Rude, a tríade abusou das críticas políticas e traduziu a vida de Brasília em suas letras. "São Paulo era o coração do punk no Brasil; Brasília, o cérebro",

observa Philippe Seabra, vocalista da Plebe, morador de Brasília e produtor dos novos roqueiros.

A axé-music, que começou a perder fôlego no fim dos anos 90, ainda resiste na cidade. Fora da Bahia, Brasília é o lugar mais visitado por bandas como o Chiclete com Banana, que faz aqui pelo

menos quatro shows por mês. E nenhum com público pagante inferior 12 mil pessoas.

Integrantes de três das maiores bandas de axé, de tanto vir à capital, se casaram com fãs brasileiros. Mas o único a revelar seu romance é o percursorista Walter Correio da Cruz Filho, 45, o Valtinho, do Chiclete. Desde 2000, ele está casado com a brasileira Mariana Melo Moreira Lima, 27, que conheceu na Micarecandanga de 1998. "Quando vamos à Brasília, ficamos na casa dos pais dela, na 203 Sul", conta o músico, bem familiarizado com siglas e números da capital.

O DF também se firmou no Brasil como um dos grandes celeiros do rap. Aqui, como em São Paulo e nos Estados Unidos – onde nasceu o movimento –, a bandeira do rap foi levantada por jovens moradores de uma região pobre, populosa e que convive com a violência: a Ceilândia.

Um dos precursores do rap candango é Alexandre, 36 anos, que não diz o sobrenome e se apresenta por "X" (pronuncia-se ecs, como na língua inglesa). Com o grupo Câmbio Negro, o rap feito na Ceilândia ganhou as FMs e até as redes de TV do Brasil. X fez questão de colocar nas letras do Câmbio Negro o que de bom havia na Ceilândia. Apesar do sucesso, ele hoje é encarregado de um condomínio em Águas Claras. Também estuda para concurso público, enquanto grava o segundo disco solo. "Vou continuar falando bem da minha terra."